



IX REUNIÃO ESCOLA – EPFCL, 23 DE JULHO DE 2026, SÃO PAULO

## Passa a analista: aporias do testemunho

### Prelúdio 2

#### Passa a analista: o que não é aporia

Em seu prelúdio para o nosso encontro da Escola, Philippe Madet concentrou-se acertadamente nas três aporias estruturais do testemunho, elaboradas por Lacan no discurso à EFP de 1967, culminando na conclusão: “aporia do relato”.<sup>1</sup> E Philippe pergunta: “Isso implica necessariamente um passa a analista aporético?”<sup>2</sup>

Com base nisso, gostaria de sugerir o seguinte: para que a garantia do passa não seja considerada necessariamente aporética, esta não pode se basear exclusivamente em considerações estruturais.

Como compreender isso, visto que o próprio Lacan, no mesmo texto, comenta que no dispositivo é justamente a “*estruturação analítica da experiência*”<sup>3</sup> que autenticamos, a qual “*condiciona a passagem ao ato ou ao desejo do analista*”<sup>4</sup>

Mas a estruturação não é estrutura, e inclui necessariamente os *efeitos* da estrutura, que devem ser diferenciados da própria estrutura, com suas contradições lógicas e impasses.

Quais são os efeitos da estrutura? Seguindo Lacan, poderíamos nomeá-los: a barra e o buraco, ou o ponto da falta no Outro, que ele escreve com o matema  $S(A/)$ , e que designa a forclusão do significante do sexo no Outro.

No texto “Como reconhecer as condições do ato”<sup>5</sup>, Colette Soler se distancia dos traços estruturais, nos direcionando para as manifestações clínicas produzidas, às vezes, no final da análise, segundo Lacan, e que a esta (à estrutura) respondem: segurança e certeza.

---

<sup>1</sup> LACAN, J. *Discurso na Escola Freudiana de Paris (1967)*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.268

<sup>2</sup> MADET, P. *Prelúdio para o Encontro da Escola, 2026*

<sup>3</sup> J. Lacan, *Discours a L’EFP du 6 décembre 1967, Si9licat 2/3, Seuil, Paris, 1970, pp1*

<sup>4</sup> *Les conditions de l’acte, comment les reconnaître ? Colette Soler, Rencontre internationale d’Ecole, Buenos Aires, 28 et 29 août 2009*

<sup>5</sup> *Ibid*

Ela sugere a seguinte formulação:

*“São posições do sujeito dentro da estrutura, e até mesmo posturas afetivas que respondem a esta, que assim testemunham indiretamente que a elaboração estrutural foi levada ao ponto de vislumbrar o buraco — eu diria prontamente, a forclusão do objeto ou o real.” Por isso, creio eu, Lacan atribui aos cartéis uma tarefa de autenticação, e não de escuta, decifração ou construção. Essa postura é de certeza, não de crença, em contraste com o impossível de conhecer — **sendo a certeza, por definição, a tradução psíquica de uma forclusão.**<sup>6</sup>*

Uma forclusão é uma posição de certeza, e certeza não é aporia...

Então, o passante partilha uma característica comum a psicose? Se a certeza é, “*por definição*”, a manifestação clínica do efeito estrutural de uma forclusão, trata-se da mesma forclusão em ambos os casos? Quais são os riscos que isso acarreta para o júri na tarefa de autenticar o testemunho?

Deixo esta questão em suspense, para retornar a um breve comentário de Colette Soler que talvez possa nos orientar sobre o assunto, por meio de uma surpreendente homologia que ela traça entre Cantor e a criança-intérprete: <sup>7</sup>ambos se deparam com a forclusão – embora não seja a mesma – e ambos respondem a esta com “invenção”: “*O melhor uso que se pode fazer de uma forclusão é fazê-la funcionar como um ponto de partida para a invenção*”.<sup>8</sup>

Daphne Tamarin  
Fevereiro de 2026

Tradução: Geísa Freitas

---

<sup>6</sup> *Ibid*

<sup>7</sup> Colette Soler, *La infância com Cantor*, 1994

<sup>8</sup> Colette Soler, *Declinaciones de la angustia, curso 2000-2001*, pp209.